



O MAL-ESTAR NO TRABALHO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA: PRECISAMOS FALAR SOBRE ISSO

Camila Carolina Alves Assis¹
Laís Leni Oliveira Lima²

¹Universidade Federal de Jataí/ camilaassis26@hotmail.com

²Universidade Federal de Jataí/ laislени@gmail.com

Resumo:

O trabalho docente tem se caracterizado nos últimos anos por mudanças produzidas por políticas educacionais com consequências na gestão e na subjetividade do professor. O presente estudo pretende analisar o mal-estar do professor da Educação Básica, na forma como ele se apresenta na literatura consultada. Foram levantados estudos relativos ao Mal-estar docente, ao trabalho educativo e à subjetividade dos trabalhadores, caracterizando este estudo como pesquisa bibliográfica de análise qualitativa. Podemos considerar que uma forma de lidar com o adoecimento docente é levantar a discussão sobre o tema para que os trabalhadores, de posse do conhecimento, busquem lutar contra o discurso hegemônico que promove a precarização do trabalho educativo.

Palavras-chave: Trabalho docente. Mal-estar docente. Educação básica.

Introdução

O trabalho docente passa por mudanças de acordo com as reformas educacionais, transformações sociais, culturais e históricas. No entanto, essas mudanças só intensificam o processo de desvalorização dessa atividade, incorporando mais atribuições e responsabilidade aos professores e contribuindo para uma deterioração do bem-estar dos mesmos.

O papel do professor na escola e na sociedade muda de acordo com a concepção de Educação que se tem no contexto histórico-social. O professor assim como os outros trabalhadores dos tempos atuais, estão inseridos em um modo de produção capitalista, o que por si já apresenta algumas contradições.

Mesmo com todas as especificidades de sua atividade, observa-se que o professor vem desempenhando seu trabalho em condições adversas, na maioria das vezes. Há uma concepção de “professor sofredor” ou “por vocação” que parece naturalizar a escassez de recursos para a educação e legitimar esse trabalhador como aquele que precisa dar conta de uma realidade com criatividade, superando as várias dificuldades impostas ao seu trabalho (LEVY; SOBRINHO, 2010).

O autor José Manuel Esteve (1999) desenvolve, a partir dos anos 1980, o conceito de Mal-estar docente, como um adoecimento social produzido pela falta de apoio da sociedade aos professores. Esse mal-estar gera, assim, sentimentos de angústia, sofrimento, desvalorização, resultando até mesmo em adoecimento físico e psíquico. Configura-se como uma resposta às

situações de estresse vivenciadas por esses trabalhadores.

Por meio desse estudo, buscou-se compreender, nas publicações consultadas, como o mal-estar docente se materializa no dia-a-dia da escola, como afeta o trabalho e a subjetividade do trabalhador docente. Por fim, levantar o debate sobre esse assunto é condição fundamental para que o adoecimento em um trabalho alienado e embrutecedor seja possível de ser modificado.

Metodologia

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, realizada em livros, capítulos de livros e publicações científicas relacionadas ao tema do mal-estar docente. Foram realizadas leituras criteriosas seguidas de fichamento das ideias mais relevantes para a construção do trabalho.

Resultados e discussões

Esteve (1999) aponta que o que pode estar relacionado ao mal-estar dos professores são fatores como as transformações sociais, cada vez mais exigências sobre o papel do professor, falta de apoio e valorização social, dentre outros. Esses trabalhadores encontram-se em uma situação bastante desfavorável à sua humanização e desenvolvimento do ser social, frente a um trabalho precarizado historicamente.

As mudanças nas políticas educacionais ao longo dos últimos anos se converteram em exigências para o seu trabalho, no sentido de cobrança de desempenho. As decisões são tomadas em outras esferas: não há possibilidade da participação do trabalhador na tomada de decisões acerca do planejamento de seu trabalho, mesmo que se tente fazer com que na aparência o professor participe.

Mascarenhas (2002) afirma que o trabalho pode ser uma potência humanizadora na medida em que é o mediador fundamental entre o ser individual e o ser social. Nessa concepção materialista histórica e dialética de homem, o indivíduo constitui sua individualidade tecendo-se socialmente. A individualidade está inserida em determinado contexto social, é enquanto ser social que o homem se realiza, pois é apenas na relação com o outro que ele encontra os instrumentos necessários para o seu desenvolvimento.

No entanto, com as demandas do mundo do trabalho de hoje, próprias do sistema de produção capitalista, estas acabam por desgastar cada vez mais o trabalhador da docência, que tenta respondê-las, assumindo posturas que exigem muito de suas possibilidades físicas e cognitivas. As instituições de ensino colocam o professor no papel de “atender a um cliente”,

descharacterizando a função docente, gerando mais atribuições e carga de trabalho (LEVY; SOBRINHO, 2010). O trabalho sendo desempenhado em jornadas cada vez maiores, faz com que o docente precise se deslocar de uma escola a outra, busque adaptar-se a diferentes ambientes de trabalho, além de passar mais tempo pesquisando e preparando aulas.

Diante de um contexto hostil para os professores, as escolas têm vivenciado afastamentos do trabalho por questões relacionadas ao adoecimento, e o interesse pela carreira docente também diminui. Os efeitos negativos dessas condições têm se manifestado na subjetividade do professor.

Segundo Esteve (1999), são características inerentes ao mal-estar do professor:

- “- aumento de exigências em relação ao professor: para além do domínio do conteúdo, o professor é requisitado para tarefas de integração social com a comunidade e apoio psicológico aos alunos, sem se fazer acompanhar da alteração na formação do professor;
- inibição educativa de outros agentes de socialização, como a família, o que vai acarretando maior responsabilidade para a escola no processo formativo em geral;
- desenvolvimento de fontes de informação alternativas que alteram o papel transmissor do professor, obrigando-o a integrar tais meios à aula;
- ruptura do consenso social sobre educação, o que caracterizaria uma socialização divergente, com relação a modelos e valores de educação;
- modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo pelo abandono da idéia de ensino como promessa de um futuro promissor e a emergência de uma sociedade voltada para o prazer individual;
- menor valorização social do professor pela definição do *status* social em termos exclusivamente econômicos;
- mudança dos conteúdos curriculares, que acaba por gerar uma permanente insegurança a respeito da atualidade do conhecimento à disposição do professor;
- escassez de recursos materiais pela redução de investimentos públicos na área da Educação;
- mudanças na relação professor/aluno, com um número crescente de casos de agressões sofridas por professores na escola;
- fragmentação do trabalho do professor, o que gera acúmulo de tarefas e intensificação do trabalho” (CALDAS *apud* ESTEVE, 2007, p.29).

Muitas vezes, diante dos problemas apresentados relativos ao trabalho docente, os professores se deparam com um estado de mal-estar que acaba por provocar sentimentos de angústia frente ao seu trabalho, levando ao absentismo e até mesmo à desistência (psicológica: diminuindo o seu envolvimento, embora ainda presente na sala de aula; ou mesmo, abandonando de fato do trabalho).

Levy e Sobrinho (2010) mostram que as condições nas quais o trabalho do professor é realizado incluem problemas de ordem material: estrutural, falta de recursos para o desenvolvimento de atividades; ambientes de violência: ameaças e agressões; questões salariais; falta de reconhecimento por parte da sociedade; sobrecarga física e mental; exclusão do professor dos processos decisórios; além de dificuldades de relacionamento com pais, alunos, gestores.

A realidade do professor mostra a necessidade de se falar sobre as condições de trabalho na Educação. Se o discurso hegemônico defende que a solução dos problemas sociais e econômicos de um país se encontra na formação escolar dos cidadãos, encontra-se, então um impasse. Como essa escola tão adoecida pode representar solução para alguma coisa? Os trabalhadores da Educação se encontram, em grande parte, desanimados com suas possibilidades de mudança.

Considerações Finais

Pode-se considerar que diante das pesquisas e leituras realizadas, as perspectivas com relação ao trabalho docente não são muito animadoras. Os estudos acerca do trabalho docente apresentam que os professores têm manifestado uma desistência psicológica de suas atividades, frente a um trabalho precarizado e desvalorizado historicamente e socialmente.

No entanto, como já exposto, esse é um assunto que precisa ser amplamente pesquisado e divulgado. Entende-se, portanto, que diante de uma sociedade baseada em princípios neoliberais, a qual onde a classe dominante encontra espaços privilegiados de comunicação de suas ideias, os trabalhadores têm como possibilidade as publicações em espaços acadêmicos e movimentos sociais na perspectiva de se fazerem presentes suas vozes.

Referências

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** Bauru, São Paulo. EDUSC, 1999.

LEVY, G. C. T. de M. & SOBRINHO, F. de P. N. Fatores contribuintes para a síndrome de burnout entre professores. In: **A síndrome de burnout em professores do ensino regular: pesquisa, reflexões e enfrentamento.** Rio de Janeiro: Cognitiva, 2010.

MASCARENHAS, A. C. B. **O trabalho e a identidade política da classe trabalhadora.** Goiânia: Alternativa, 2002.